

Pandemia do Coronavírus fragiliza o mercado de trabalho brasileiro.

Paulo Peruchetti, Tiago Martins e Daniel Duque.

Recentemente, publicamos neste mesmo espaço, um texto falando dos severos impactos da pandemia do coronavírus no mercado de trabalho brasileiro que tem elevado de forma extraordinária a incerteza na economia, gerando grandes distorções no país, em especial no mercado de trabalho.¹ Faremos neste texto uma atualização destes impactos tomando como referência a recente divulgação dos dados da Pnad Contínua, por parte do IBGE, que agregada os principais indicadores de mercado de trabalho, permitindo assim, uma análise completa do atual momento do emprego no país. Estes dados divulgados mensalmente, no entanto, se referem sempre ao trimestre móvel, de modo que temos para cada mês a média de diversas variáveis no mês de referência e nos dois anteriores.

Diante do atual cenário de elevadas distorções causadas pelo avanço da pandemia do coronavírus, as informações de alta frequência são cada vez mais relevantes para que possamos entender os seus desdobramentos na economia brasileira. Em função disso, diversos pesquisadores tem estudado formas de mensalizar os indicadores da Pnad Contínua, de modo a terem informações mais precisas do atual momento do mercado de trabalho brasileiro, eliminando, assim, os efeitos da média móvel e obtendo fatos estilizados para cada um dos meses. Dentre estes trabalhos, podemos citar o artigo proposto por Hecksher (2020), pesquisador do IPEA, e o trabalho proposto no Box do Relatório de Inflação de junho de 2020, divulgado pelo Banco Central, que embora usem métodos diferentes, encontram resultados similares.

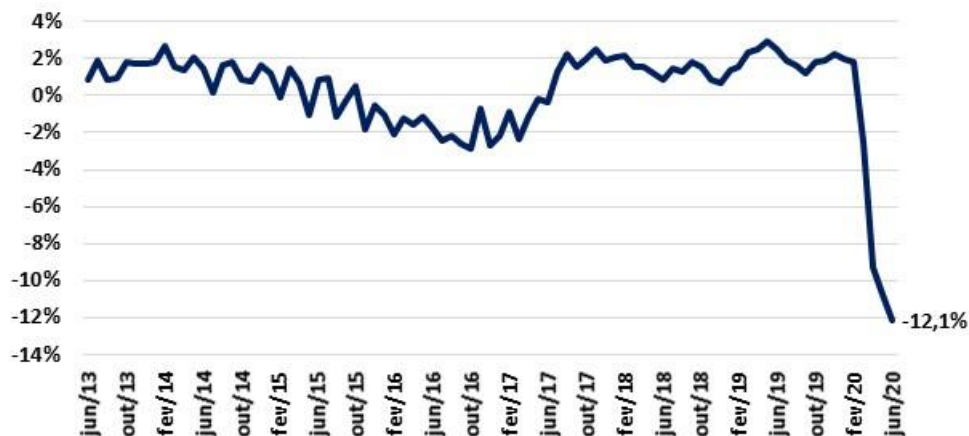
O objetivo deste texto é aplicar a metodologia proposta pelo Banco Central a fim de que possamos traçar um diagnóstico das principais causas da queda de emprego no Brasil, observada nos últimos meses, bem como do aumento na taxa de desemprego. Tal como proposto pelo Banco Central, para mensalizar as informações da Pnad Contínua iremos utilizar um modelo de espaço de estado para mensalização da série de média móvel trimestral.² Neste texto, no entanto, analisaremos as informações das séries sem ajuste sazonal, de modo que as taxas de crescimento das séries apresentadas ao longo do artigo, são calculadas sempre em relação ao mesmo mês do ano anterior.

¹ Para acessar o texto, clique no link a seguir: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/queda-do-emprego-no-brasil-uma-analise-partir-dos-dados-mensalizados-da-pnad-continua>

² Neste modelo define-se uma equação de sinal: $X_t = (x_t + x_{t-1} + x_{t-2})/3$ e uma equação de estado: $x_t = x_{t-1} + \text{stoch}_t$, onde $\text{stoch}_t = \alpha \cdot \text{stoch}_{t-1} + \varepsilon_t$, $\varepsilon_t \sim N(0, \sigma)$. Nesta equação, α e σ são parâmetros estimados pelo modelo e x é a série mensalizada resultante. Vale destacar que as estimativas mensais dos indicadores da Pnad Contínua, são mais imprecisas do que as estimativas trimestrais, mas dada a relevância do atual cenário de elevada incerteza, faz-se necessário o esforço de desenvolvimento de técnicas que possam capturar os impactos mensais da pandemia no mercado de trabalho brasileiro.

O Gráfico 1 mostra a evolução da taxa de crescimento mensalizada, em relação ao mesmo mês do ano anterior, da população ocupada no Brasil desde o ano de 2013 até o mês de junho de 2020.

Gráfico 1: Taxa de crescimento da população ocupada (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

Podemos notar, pelo Gráfico 1, que ao longo da recessão iniciada no segundo trimestre de 2014 e que durou até o quarto trimestre de 2016 houve uma forte redução do emprego no Brasil, principalmente no final de 2016, quando as quedas observadas na população ocupada foram de quase 3%, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Desde então, a população ocupada no Brasil estava crescendo a taxas robustas, chegando a apresentar um crescimento de 2,9% em maio de 2019.

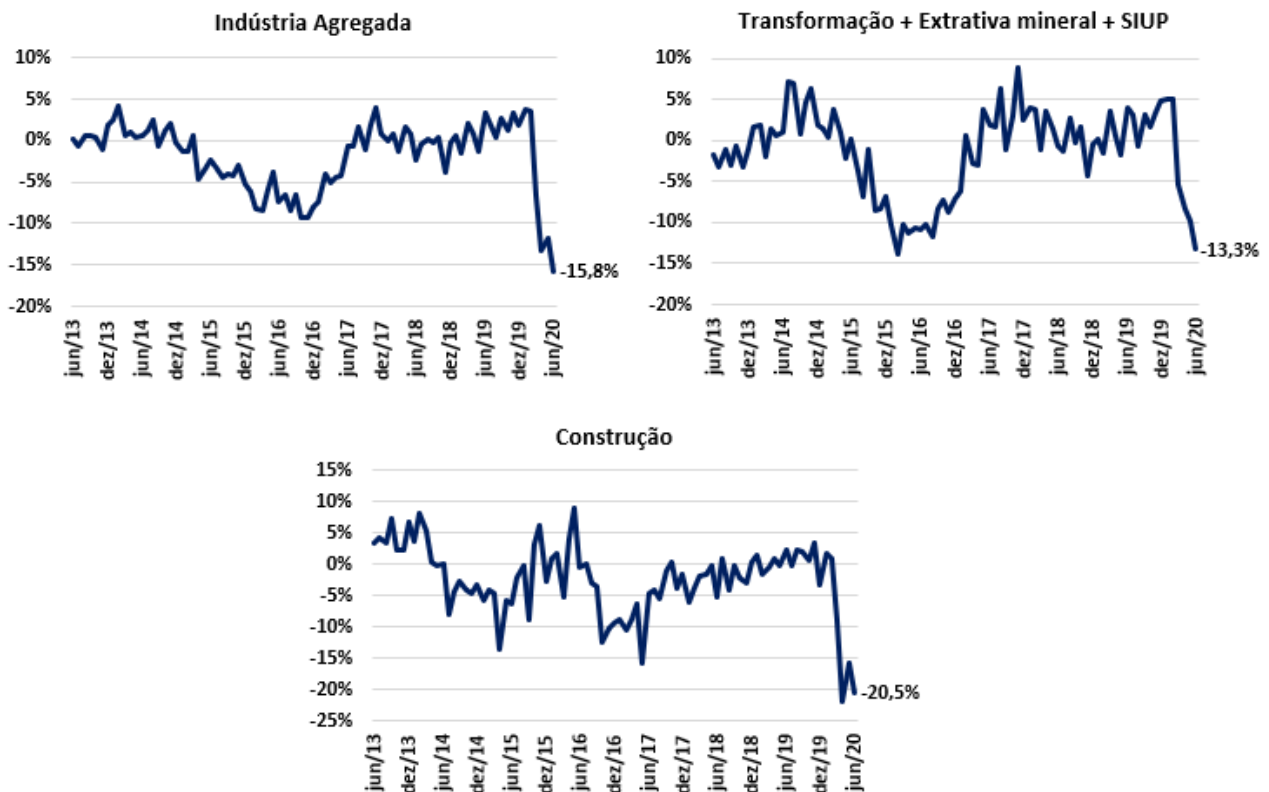
Podemos notar, no entanto, que após este longo período de expansão da população ocupada, houve, a partir de março, uma forte retração do emprego no país. Após crescer 1,8% em fevereiro de 2020, em relação ao mesmo mês do ano anterior, a população ocupada no Brasil apresentou queda de 2,5% em março, 9,2% em abril, 10,7% em maio, chegando ao patamar de queda de 12,1% em junho, a maior já observada ao longo da série histórica mensalizada, superando largamente as quedas observadas ao longo da recessão de 2014-2016.³

Diante dos fatos apresentados, entender os fatores que explicam esta forte queda, ajuda a traçar os diagnósticos corretos da recente perda de emprego no Brasil. Em primeiro lugar, vale destacar que a queda

³ Vale ressaltar que os resultados observados, entre março e junho, na série de emprego que considera a média móvel trimestral foram atenuados devido a inclusão de meses cujo crescimento da população ocupada havia crescido de forma mais robusta ou caído menos. Nesta série original, por exemplo, houve baixo crescimento do emprego em março de 2020, algo próximo a 0,4%, em relação ao mesmo trimestre móvel do ano anterior, e quedas de 3,4%, 7,5% e 10,7% em abril, maio e junho, respectivamente.

de emprego foi generalizada e atingiu praticamente todos os setores da economia. No Gráfico 2, mostramos a taxa de crescimento mensal da população ocupada da indústria e seus principais subsetores.

Gráfico 2: Taxa de crescimento da população ocupada da indústria (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

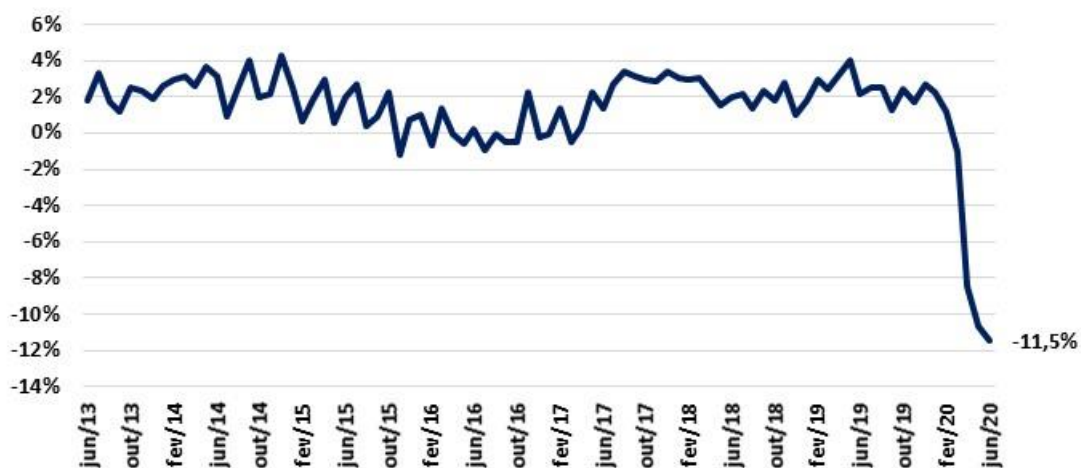
Pelo Gráfico 2, podemos notar que houve uma forte queda da população ocupada na indústria, e seus segmentos, desde março de 2020. Na indústria agregada, onde o emprego crescia acima de 1% desde meados de 2019, a queda na população ocupada foi de 15,8% em junho de 2020, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Esta queda foi um pouco maior do que a observada em maio de 2020 (-11,9%) e confirma o quadro de forte redução do emprego neste setor, maior inclusive do que as fortes quedas observadas entre 2014-2016.

A forte queda do emprego na indústria agregada, como podemos ver, foi influenciada pela retração observada principalmente na construção civil, cuja queda em junho de 2020 foi da ordem de 20,5%, agravando ainda mais a situação de um setor em que o emprego já não estava crescendo de forma robusta há bastante tempo. Outro ponto relevante diz respeito a queda de emprego observada no segmento que agrega os setores da

indústria de transformação, indústria extrativa e serviços de utilidade pública (SIUP).⁴ A queda deste segmento foi um pouco menos intensa do que a observada no setor da construção e na indústria agregada. Em junho de 2020, por exemplo, o emprego alocado neste segmento caiu 13,3%, em comparação com o mesmo mês do ano anterior, a maior queda observada desde o início de 2016, quando o emprego havia recuado 13,9%.

Outro setor que teve o emprego fortemente afetado pela pandemia do coronavírus foi o setor de serviços. O Gráfico 3 mostra a taxa de crescimento da população ocupada, em relação ao mesmo mês do anterior, deste setor.

Gráfico 3: Taxa de crescimento da população ocupada do setor de serviços (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

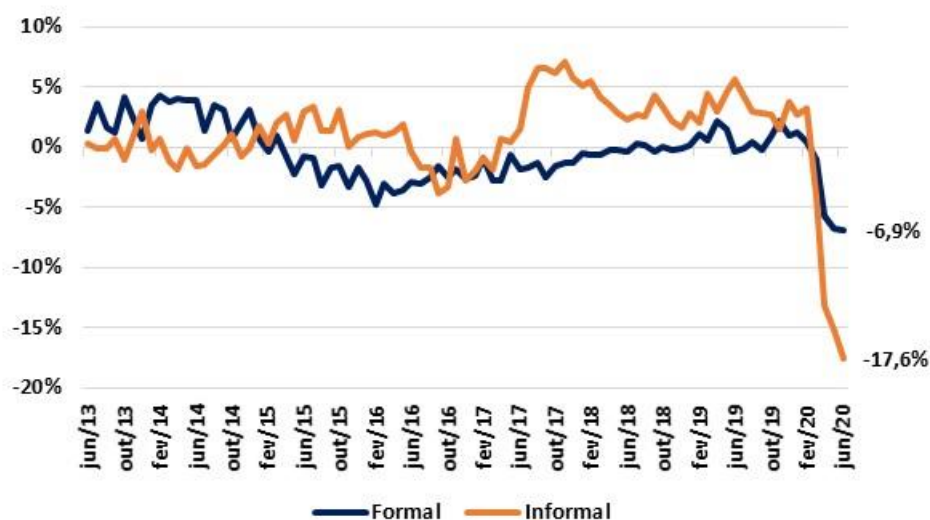
No setor de serviços, que é o principal setor da economia concentrando cerca de 70% do emprego gerado no país, as medidas de distanciamento social necessárias a contenção do vírus levou a população ocupada neste setor a apresentar uma forte redução iniciada em março de 2020. Neste mês, o emprego no setor de serviços havia recuado cerca de 1%. Nos meses de abril, maio e junho, as quedas ficaram bem mais intensas, de modo que nesses meses o emprego recuou, em relação ao mesmo mês do ano anterior, 8,5%, 10,7% e 11,5%, respectivamente. Para se ter uma ideia, ao longo da recessão observada entre 2014 e 2016, que havia sido o

⁴ Devido a forma com que são divulgadas as informações mensais do trimestre móvel da Pnad Contínua, não foi possível separar apenas o setor da indústria de transformação. Sabe-se, porém, que devido à baixa participação da indústria extrativa e da SIUP (Serviços Industriais de Utilidade Pública) no emprego da indústria agregada, os movimentos observados na indústria de transformação irão ser bem representativos para explicar o que ocorreu no grupo de atividades que agregada estes três setores.

pior momento do setor até então, em termos de emprego, a população ocupada não chegou a apresentar quedas neste patamar.

A forte queda de emprego observada no setor de serviços e na construção civil pode estar associada à elevada informalidade presente nestes dois setores.⁵ A queda no emprego informal, por exemplo, foi determinante para queda do emprego observada desde março de 2020, como veremos no gráfico a seguir.

Gráfico 4: Taxa de crescimento da população ocupada alocada em ocupações formais e informais (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.⁶



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

Desde o final da recessão de 2014-2016, a contribuição da informalidade para a recuperação do emprego tem sido muito elevada, destoando inclusive do padrão observado em recessões anteriores.⁷ O avanço da pandemia do coronavírus, no entanto, levou a uma forte destruição do emprego informal, ainda mais elevada do que a ocorrida no emprego formal. Este último apresentou uma forte queda de 6,9% em junho de 2020, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior.

⁵ No setor de serviços e na construção civil, a taxa de informalidade foi, em 2019, próxima de 44,4 e 72,5%, respectivamente.

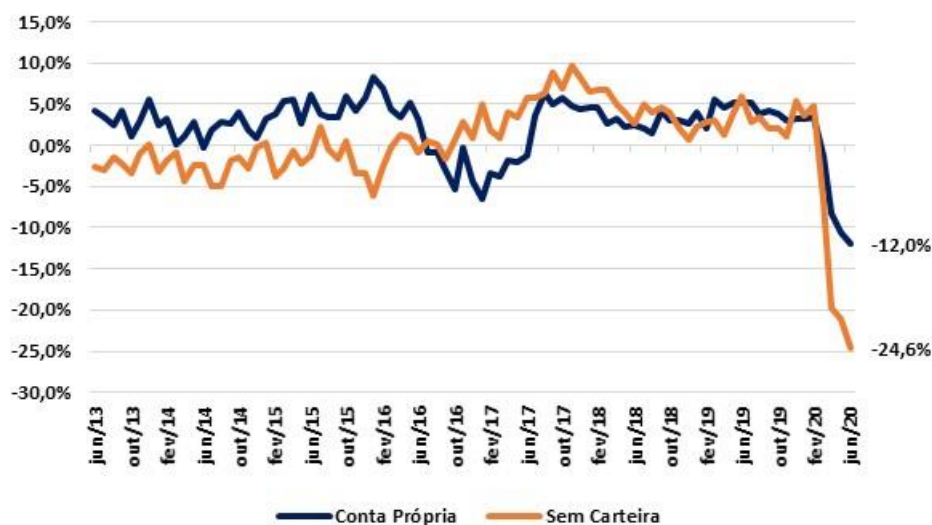
⁶ Consideramos como informais os trabalhadores que trabalham sem carteira assinada, os que trabalham por conta própria e o trabalhador familiar auxiliar.

⁷ Veloso, Matos e Peruchetti (2020) detalharam o comportamento do emprego informal e formal, bem como sua contribuição para o crescimento do emprego ao longo das recessões desde meados da década de 1990. Os autores concluíram que o padrão recente de recuperação do mercado de trabalho, caracterizado pelo aumento expressivo da informalidade, é diferente do verificado em outros períodos de recuperação da economia. Para maiores detalhes acesse o texto no link: https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/padroao_de_recuperacao_do_emprego_apos_a_ultima_recessao_e_sua_relacao_com_a_produtividade_do_trabalho_final_16032020.pdf

Já a população ocupada no setor informal, que em fevereiro de 2020 havia crescido 3,3%, apresentou em março queda de 4% em relação ao mesmo mês do ano anterior, além de nova queda, de 13,1%, em abril, recuo de 15,1% em maio, chegando, finalmente, ao patamar de queda de 17,6% em junho de 2020.

Evidencia-se, assim, que a pandemia do coronavírus, de fato, destruiu mais ocupações no mercado de trabalho informal da economia. Em especial, esta forte queda do emprego em ocupações informais está relacionada a redução da população ocupada que trabalha por conta própria e principalmente os que trabalham sem carteira de trabalho assinada, tal como apresentado no Gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5: Taxa de crescimento da população ocupada que trabalha sem carteira assinada e por conta própria (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.

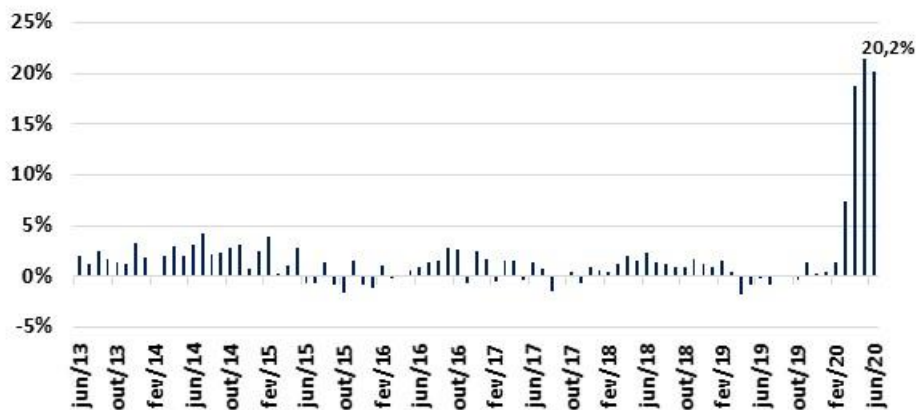


Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

O emprego nestas categorias apresentadas no Gráfico 5, que desde meados de 2017 vinha apresentando crescimento robusto, foi fortemente afetado pelo avanço da pandemia do coronavírus, de modo que desde março de 2020, ambas tem apresentado fortes quedas interanuais. Em junho deste ano, por exemplo, ocorreu um recuo de 24,6% nas ocupações sem carteira assinada e uma queda de 12% nas ocupações de pessoas que trabalham por conta própria.

Além da forte queda no emprego, a crise causada pela pandemia do coronavírus elevou drasticamente o número de pessoas que se encontram fora da força de trabalho, como mostra o Gráfico 6.

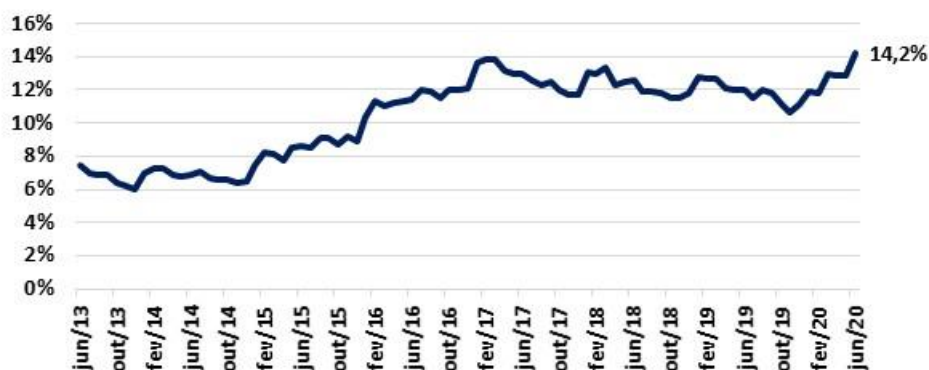
Gráfico 6: Taxa de crescimento do número de pessoas que se encontram fora da força de trabalho (em % e em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil.



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

Como podemos ver, houve um crescimento expressivo do número de pessoas fora da força de trabalho iniciada no mês de março de 2020, causada em grande parte pelas medidas de distanciamento e contenção do vírus que acabaram por desestimular a procura de emprego, impedindo, assim, que a taxa de desemprego aumentasse com mais intensidade até o mês de maio. Nota-se, no entanto, que após atingir o maior crescimento na série histórica mensalizada em maio de 2020 (alta de 21,5%, em relação ao mesmo período do ano anterior), houve, em junho deste ano, uma desaceleração no crescimento das pessoas que estão fora da força de trabalho, de modo que ele passou para 20,2%. Como consequência disso, foi possível notar, na série mensalizada, um avanço na taxa de desemprego em junho de 2020, tal como apresentado no Gráfico 7.

Gráfico 7: Evolução da taxa de desemprego – Brasil.



Elaboração do IBRE com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE (dados mensalizados).

Neste gráfico podemos notar uma aceleração na taxa de desemprego mensalizada, fruto da combinação de forte queda da população ocupada e aumento no número de pessoas desocupadas no mês de junho. Como podemos notar, a taxa de desemprego, que estava girando em torno de 12,9%, entre março e maio de 2020, contida em parte pelo aumento expressivo do número de pessoas que estavam fora da força de trabalho, saltou para 14,2%, a maior observada na série histórica mensalizada.⁸ É possível que vejamos aumentos ainda mais fortes na taxa de desemprego nos próximos meses, à medida que as pessoas comecem a procurar trabalho e haja uma normalização da força de trabalho no Brasil.

Enfim, os dados apresentados neste artigo mostram as principais causas que levaram ao esgotamento do mercado de trabalho desde o início da pandemia do coronavírus. Vimos que a queda foi generalizada, atingindo os principais setores da economia, em especial a indústria e o setor de serviços, bem como as ocupações informais, por meio de fortes reduções no emprego dos trabalhadores que trabalham sem carteira assinada e que trabalham por conta própria. Além disso, notamos uma aceleração na taxa de desemprego no mês de junho de 2020.

Referência

Hecksher, Marcos. Valor Impreciso por Mês Exato: Microdados e Indicadores Mensais Baseados na PNAD Contínua. Nota Técnica 62. IPEA. 2020.

Relatório de Inflação. Estimativa para dados “mensalizados” da PNAD Contínua. Volume 22, nº 2. Banco Central do Brasil. 2020.

⁸Entre março e junho, a taxa de desemprego no conceito de média móvel trimestral foi de: 12,2%, 12,6%, 12,9% e 13,3%, respectivamente.